

## ***L'Homme – journal de la démocratie universelle:* um jornal francófono sem fronteiras publicado em Jersey<sup>1</sup>**

Mariem Fredj

FIGURA 1 - ANÚNCIO DO JORNAL REPUBLICANO *L'HOMME*.



Fonte: Jornal *L'Homme* publicado entre 1853 e 1856. Coleções da Sociedade Jersiana, Saint-Hélier.

O exílio contou com o seu jornalista e com o seu jornal. O jornalista se chamava Ribeyrolles; o jornal se chamava *L'Homme*. [...] Ele era impresso uma vez por semana, em Jersey, numa ruela de Saint-Hélier, Don Street. Houve no exílio obras pessoais sublimes; mas não houve uma obra coletiva que fosse ao mesmo tempo tão fiel e tão ignorada quanto *L'Homme*. Sabe-se que os jornais publicados em Paris, sob o Império, pertenciam à alta sociedade; jornais cúmplices que se intitulavam, eles próprios, “os jornais do reinado”; jornais de êxito vil e escandaloso; comprometedores, comprometidos; universalmente procurados, duvidosos e desprezados. Por outro lado, na surdina de Jersey, *L'Homme* era o jornal do direito vencido. Será que, de fato, era um jornal? Não, era mais do que isso; e menos. Era o grito mais do que a fala, a explosão mais do que a discussão. Disseram por aí que era a alma dos expatriados que estava completamente em pé na noite. Era um jornal admirável, e não percebíamos, mas de que importa, não compreendíamos, que importa ainda! Ele mostrava o direito aos cegos e

<sup>1</sup> Tradução de Marília Garcia.

lançava a verdade aos surdos. Ele protestava, sempre protestava. Para que serve o público se temos a história? [...]

Em Londres, ele dava as mãos ao jornal de Reynolds e ao *La Cloche*, de Herten. Ele reproduzia as publicações de Kossuth, os manifestos de Mazzini, as declarações de Louis Blanc, as cartas lacônicas de Schoelcher, os panfletos ilustrados de Félix Pyat, os discursos de Ledru-Rollin e de Victor Hugo nas datas comemorativas e nos túmulos. Ele reunia os mais lentos, relevava os perdidos e apoiava, com obstinação, a moral dos expatriados.

Apesar da distância e da proibição, reduzido ao contrabando e aos subterfúgios para forçar a fronteira, bateria militar impotente e heroica, ele acabava com o Dois-de-Dezembro sem resultado e sem esmorecer, e fazia, intrépido, a impossível primeira-Paris do exílio. [...]

Todos aderiram, mais cedo ou mais tarde e mandaram sua voz ou seu nome para o jornal de vencidos que disse na cara do Império: a república morre, mas não se rende.<sup>2</sup>

Eis, em algumas linhas, o resumo do destino de um jornal sem dúvida menos-prezado, mas com grandes ambições, como se pode perceber desde o seu título: *L'Homme – journal de la démocratie universelle* [*O Homem – jornal da democracia universal*].

Entre novembro de 1853 e agosto de 1856, o jornal francófono, publicado em solo anglófono, foi o porta-voz dos expatriados europeus dos regimes autoritários estabelecidos no velho continente e, mais especificamente, na França, a partir de junho de 1849.<sup>3</sup> Jornal do exílio, *L'Homme* foi o símbolo da oposição republicana em terra estrangeira, escrito em francês por franceses, mas também por muitas personalidades políticas europeias, influenciadas pelo legado dos revolucionários

<sup>2</sup> HUGO, Charles. *Les hommes de l'exil précédé de Mes fils*, par Victor Hugo. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, 1875. p. 62-70. Charles Hugo comete um pequeno engano em seu texto quanto ao endereço onde era impresso o jornal: o correto seria na Dorset Street, e não na Don Street.

<sup>3</sup> A data corresponde à manifestação organizada pelos líderes da esquerda republicana contra a política do governo dirigido pelo presidente recém-eleito, Luis Napoleão Bonaparte, e a intervenção dos soldados franceses para reestabelecer o poder pontifício em Roma. Ler, sobre o assunto, o livro de Laurent Verso, *La République romaine de 1849 et la France* (Anzio: L'Harmattan, 2008. 208 p.). O fracasso da manifestação provocou as primeiras ondas de exílio, dentre as quais estava aquela em que Ledru-Rollin e Charles Ribeyrolles se dirigiram para a Inglaterra.

de 1789 e dos pensadores políticos dos séculos XVIII e XIX, que tiveram na França o seu berço.

NA ORIGEM DO JORNAL *L'HOMME*: O FRACASSO DA “PRIMAVERA DOS POVOS” DE 1848 E A PROVAÇÃO DO EXÍLIO

Os movimentos revolucionários de 1848, que ficaram conhecidos como “Primavera dos povos”, haviam despertado muitas esperanças, especialmente de uma renovação política e social em toda a Europa: o povo francês destituiu, em fevereiro de 1848, o rei Louis Philippe e seu presidente do conselho, François Guizot, contrários ao debate em torno do sufrágio universal. À queda da monarquia na França seguiram-se insurreições e movimentos revolucionários na Hungria, na Áustria, na Romênia, na Polônia, em muitas províncias da Itália e no centro da futura Alemanha. Alguns dos movimentos insurgentes buscavam derrubar o poder ou afirmar a independência do povo, a exemplo da Itália:

A revolução de fevereiro foi como a primeira cena de um drama que se desenrolou desde então nos teatros mais diversos e cujo desenlace a Europa inteira ainda aguarda. Aos acontecimentos de Paris, primeiro responderam os de Viena e de Berlim, depois o despertar da Itália [...] Este povo, que passava por um tipo de indiferença, de servidão, de corrupção sorridente, dá à Europa um grande exemplo.<sup>4</sup>

A noção de drama utilizada acima pela condessa patriota italiana, Cristina Trivulce de Belgiojoso, evoca o fim trágico de tais revoluções, que resultaram, por toda a parte, em derrotas sangrentas, até mesmo na França. O restabelecimento dos regimes autoritários resultou, assim, em uma repressão generalizada e na multiplicação dos exílios: as grandes figuras dessas revoluções tomaram, principalmente, o caminho do Reino Unido. Na França, a repressão que se seguiu às revoluções de junho provocou o enfraquecimento da Segunda República, que se tornara autoritária e conservadora, o desaparecimento pro-

<sup>4</sup> BELGIOJOSO, Cristina Trivulce de. *L'Italie et la révolution italienne de 1848*. III. *La Révolution et la République de Venise*. *Revue des Deux-Mondes*, t. 24, p. 785, out-dez 1848.

gressivo do sufrágio universal<sup>5</sup> e o fortalecimento de Luis Napoleão Bonaparte. Este, depois do Golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, pôde, então, restabelecer o Segundo Império. O golpe de Estado provocou a partida de muitos republicanos franceses para Londres, via Bruxelas, a exemplo de Victor Hugo e de outra personagem menos conhecida, porém bastante ativa depois da resistência republicana a Napoleão III: Alphonse Bianchi, natural de Lille. Os dois exilados, como muitos outros, dirigiram-se em seguida para Jersey, nos limites da França, não longe da costa de Contentin. De fato, “havia em Jersey refugiados de todos os países: a amizade era o que bastava a esses homens de enorme coragem.”<sup>6</sup>

As ilhas anglo-normandas têm uma vasta tradição de receber exilados, sejam eles políticos ou religiosos. Jersey é a maior dessas ilhas, ilhas rochosas e sob domínio inglês desde o fim do século XI, cuja característica mais marcante é a de serem, ao mesmo tempo, anglófonas e francófonas. O bilinguismo em questão se deve historicamente ao fato de terem sido terras submetidas aos caprichos da Mancha, que as tirou da Normandia há mais de oito mil anos: Victor Hugo trata do assunto em *O arquipélago da Mancha*:

As ilhas da Mancha são pedaços da França que caíram no mar e foram apanhados pela Inglaterra. Deriva daí sua nacionalidade complexa. Sem sombra de dúvida, os jersianos e guernesianos não são ingleses sem querer; porém, são franceses sem saber.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> A lei de 31 de maio de 1850, redigida pelos que apoiavam o “Partido da Ordem”, endureceu consideravelmente as condições de acesso ao direito de voto, principalmente para os trabalhadores obrigados a uma forma de nomadismo para encontrar trabalho. Lei impopular, ela favoreceu a validação do golpe de Estado de Luis Napoleão Bonaparte, que restabeleceu o sufrágio universal masculino em 2 de dezembro de 1851.

<sup>6</sup> VACQUERIE, Auguste. *Les miettes de l'histoire*. Paris: Pagnerre, 1863. p. 308.

<sup>7</sup> HUGO, Victor. *L'archipel de la Manche*. Paris: Calmann-Lévy, 1883. p. 23.

FIGURA 2 - VISTA DA ILHA ROCHOSA DE JERSEY, SITUADA NO CANAL DA MANCHA, DE FRENTE PARA A FRANÇA.



Fonte: Fotografia do autor.

A ilha de Jersey é a mais vasta no rosário de ilhas rochosas pertencentes à Grã-Bretanha, espalhadas pela Mancha e tão próximas da França. Jersey se encontra, de fato, bem em frente à costa de Cotentin, a 28 quilômetros do porto francês de Carteret: quando o tempo está bom e o céu limpo, é possível ver, da praia de Saint-Hélier, a costa francesa. Jersey acolheu realmente muitos exilados desde o século XVII; e, depois, expatriados europeus caçados em seus países ao longo do século XIX. Foram muitos os franceses que se instalaram no arquipélago francófono, cujas cidades e vilas tinham dimensões humanas e no qual a solidariedade entre os expatriados era mais fácil de se estruturar do que em Londres. A capital da Grã-Bretanha, então, em pleno desenvolvimento, recebia um grande contingente de refugiados de todas as origens, porém mais de dois milhões de habitantes já se acumulavam ali: o corolário de tal situação era a grande miséria na qual se achava a maior parte dos expatriados que tinham deixado seus países com insignificantes recursos.

Seria tão fácil contar os grãos de areia no deserto quanto as cabeças humanas nas multidões; e, no entanto, no meio deste movimento, como Simoun, eu não entendo, eu não reconheço voz amiga alguma: estou só, como um morto que o oceano arrasta com as suas ondas. [...]

A meu ver é ali, na águas gigantescas, nos viveiros opulentos da produção universal, é nos lagos profundos, cavados e cobertos pela mão dos homens que está a verdadeira, a grande, a permanente exposição de Londres.<sup>8</sup>

Mais acolhedora que Londres, Saint-Héliier se torna rapidamente – e, com a chegada da família Hugo, idealmente – o lugar dos expatriados republicanos europeus. Além disso, a ilha presencia o nascimento de um jornal político francófono, destinado a defender o ideal republicano apesar do desterro e do exílio: ele se chama *L'Homme – journal de la démocratie universelle*.

#### *L'HOMME*, UM JORNAL FRANCÓFONO E REPUBLICANO EM SOLO INGLÊS

Jornal político e francófono, *L'Homme* foi criado em novembro de 1853 em Saint-Héliier pelo jornalista francês Charles Ribeyrolles. O administrador do jornal era o coronel romano Luigi Pianciano, e Alexandre Thomas, antigo prisioneiro do Mont Saint Michel, amigo do revolucionário Auguste Blanqui, o difusor “desta folha ao vento”,<sup>9</sup> composta por quatro páginas cheias de debates, discursos políticos e chamados históricos. Criado em um contexto difícil, o do exílio de importantes líderes republicanos, franceses ou europeus, o jornal semanal teve uma existência curta e movimentada, tendo desaparecido em dois anos e meio, depois de ter sido transferido de Saint-Héliier para Londres. Apesar de tudo, ele permaneceu sendo um órgão político maior, em oposição à censura instaurada pelo novo poder político francês. O contexto político da França era, de fato, mar-

<sup>8</sup> Trecho de *Memoires de Jean Raisin*, publicado em *L'Homme* de uma quarta-feira, 10 de maio de 1854 – na gráfica Universelle, Saint-Héliier. No pequeno folhetim, um jovem vindo de Navarra descobre, graças ao dinheiro que lhe dá um desenhista inglês conhecido por acaso, a agitação da cidade de Londres em meados do século XIX.

<sup>9</sup> Expressão de Charles Ribeyrolles que assina a introdução do primeiro número do jornal publicado no dia 30 de novembro de 1853: ele convoca a solidariedade dos povos e a contribuição de todos os espíritos republicanos, jornalistas, escritores, homens políticos ou artistas. Quanto a Alexandre Thomas, ele vendia o jornal num lugar situado na Colomberie Street.

cado pelo retorno do bonapartismo e pela proclamação do Segundo Império no dia 2 de dezembro de 1852: Luis Napoleão Bonaparte, autor do golpe de Estado que havia acabado com a Segunda República no ano anterior, estava bastante atento à propaganda política republicana que tinha como um dos seus órgãos mais ativos o jornal *L'Homme*, publicado às margens da França. No dia seguinte ao golpe de Estado, Bonaparte adotou dois importantes decretos relativos à imprensa: um, divulgado no dia 31 de dezembro de 1851, autorizava os tribunais de polícia a sancionar os delitos de imprensa, e o outro, adotado no dia 17 de fevereiro de 1852, impunha a necessidade de uma autorização do governo para a criação de jornais e o pagamento de uma taxa bastante onerosa relativa a cada número do periódico, obrigação válida tanto para a imprensa nacional quanto para a estrangeira. Além disso, este último decreto, em seu artigo 2, determinava o seguinte:

Os jornais políticos ou de economia social publicados fora do país só poderão circular na França com a autorização do governo.

Os distribuidores ou divulgadores de um jornal estrangeiro cuja circulação não tenha sido autorizada serão punidos com prisão de um mês a um ano e multa de cem a cinco mil francos.<sup>10</sup>

O poder imperial controlava de forma ativa a imprensa, qualquer que ela fosse, e mais especificamente a imprensa republicana. Diante da criação do jornal *L'Homme*, no fim de 1853, Napoleão III reforçou a legislação coercitiva com uma circular promulgada em 26 de novembro de 1854, proibindo a difusão do jornal em terras francesas. A decisão de Napoleão III a respeito do jornal se explica de forma natural, quando lemos os incisivos artigos de Charles Ribeyrolles ou Victor Hugo contra o imperador francês e contra os principais chefes de estado europeus, textos que transbordam sarcasmo, como mostra o trecho abaixo, retirado de uma carta de Félix Pyat:

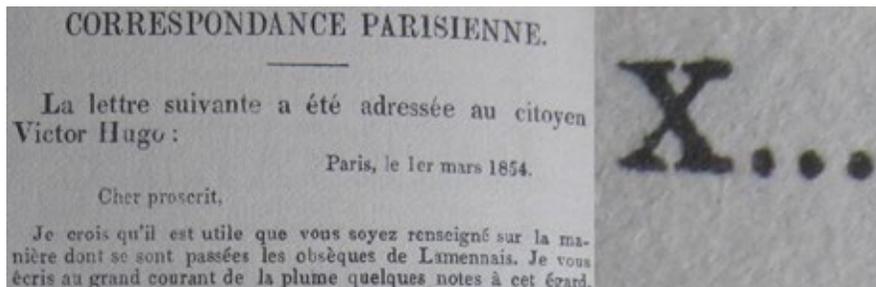
<sup>10</sup> Este decreto é mencionado no dossiê realizado pelo documentarista Patrick Laharie. Cf. LAHARIE, Patrick. *Contrôle de la Presse Étrangère. Dossiers des journaux introduits en France 1850-1887. F/18/543 à 550*. Paris: Centre Historique des Archives Nationales, 1995. p. 4.

Não, pais de família, os senhores não podem amar a esfinge maníaca, cheia de contradições loucas, o chefe de dinastia desposado com uma vivandeira, reinando como um puro sangue e se casando como um novo-rico, apaixonado e decepcionado com a sua Joséphine, impotente depois de uma fístula e sonhando apenas com a herança, nervoso e insaciável, incapaz de trabalhar, insaciável no prazer, regulando sua política conforme a dança, incrédulo e fatalista, hipócrita e supersticioso, soldado do papa e crente no destino, indo da missa à orgia, engolindo champanhe com água benta e o bom Deus com trufas, em comunhão de Saint-Arnaud, o diabo ermita. Não, gente honesta, os senhores não podem adorar e estimar este Ali Babá imperador, que transformou o Louvre numa caverna e a história da França numa história de ladrões, que abarca em si todas as vergonhas, todas as demências, todas as misérias, todas as monstruosidades dos tempos dos Césares [...]<sup>11</sup>

As medidas proibitivas tomadas pelo governo francês nos revelam o medo que a difusão do jornal inspirava e o seu impacto sobre a sociedade francesa, especialmente entre os trabalhadores, muitas vezes citados nos diferentes textos publicados ali. Além disso, muitas personalidades políticas e literárias, francesas e europeias, algumas bastante célebres e respeitadas, haviam atuado desde os primeiros meses na redação do jornal: por exemplo, podemos citar os homens políticos Victor Schoelcher, Louis Blanc, Alexandre Ledru Rollin, os escritores Alexandre Dumas, Eugène Sue e, sobretudo, Victor Hugo, os húngaros Sandor Teleki e Lajos Kossuth, os italianos Giuseppe Mazzini e Luigi Pianciani, o russo Alexandre Herzen. Porém, um dos maiores méritos do jornal é o de ter recolhido alguns testemunhos na França, escritos por pessoas que mantiveram o anonimato para evitar represálias e detenções. O artigo que menciona o funeral do padre Félicité Robert de Lamennais, intitulado “Correspondance parisienne” e publicado no jornal *L'Homme* do dia 8 de março de 1854, mostra-nos a importância de tais textos anônimos, assim como os laços clandestinos entre os expatriados e os republicanos que permaneceram na França.

<sup>11</sup> PYAT, Félix. À la bourgeoisie. [Trecho da carta lida em Londres por ocasião do aniversário da Revolução de fevereiro, em 24 fev. 1854]. *L'Homme: journal de la démocratie universelle*. Saint-Héliér: Imprimerie Universelle, 14 mar. 1854.

FIGURA 3 - TRECHOS DO JORNAL *L'HOMME* DO DIA 8 DE MARÇO DE 1854, PÁGINA DANDO DESTAQUE A UM ARTIGO ANÔNIMO ACERCA DOS FUNERAIS DE LAMENNAIS.



Fonte: Saint-Hélier, Imprimerie Universelle.

*L'Homme* – voz dos exilados republicanos franceses e europeus – foi, portanto, antes de tudo, um jornal político, que ansiava pelo advento de um regime em que o povo, qualquer que fosse sua raça, língua ou seu lugar na sociedade, tivesse um lugar de fala. Além disso, o jornal propunha uma forma de solidariedade em um contexto em que surgiam organizações políticas e sociais que, desde 1846 e a fundação do “Comitê Internacional Democrático em Bruxelas”, construíam uma fraternidade operária em escala europeia.<sup>12</sup> O jornal francófono *L'Homme* surgiu como um prolongamento dessa iniciativa e como expressão do desejo de fraternidade de pessoas que queriam conquistar sua independência e suas liberdades. Essa também era a fraternidade do mundo operário, de suas dificuldades e misérias, em um contexto de industrialização crescente:

Os povos unidos, livres e soberanos cada um em sua esfera, as pátrias independentes e as nacionalidades constituídas por afinidade de raças, de língua, de costumes, eis o grande objetivo a ser perseguido, e apenas a solidariedade revolucionária pode alcançá-lo: porém esta é só uma parte do problema que nos assola, só um lado da questão: o contexto não é nada

<sup>12</sup> Recomenda-se a leitura, acerca deste assunto, do interessante artigo escrito por Rémy Gossez, intitulado “La proscription et les origines de l’Internationale. 1. Le ‘Comitê International Permanent’”, publicado em *1848-Revue des Révolutions Contemporaines*, n. 189, p. 97-115, dez. 1951.

sem os seus desdobramens [sic] e para que a Revolução não fracasse uma última vez, é preciso que, organizando uma família geral de povos, ela entre também na vida desses povos e erga por toda parte a instituição social, que é apenas e, em graus diversos, o código dos privilégios e da subordinação.<sup>13</sup>

O jornalista Charles Ribeyrolles, criador e redator-chefe de *L'Homme*, imprimiu o tom deste jornal de expatriados desde o primeiro número, de 30 de novembro de 1853, ao fazer um chamado à comunhão dos povos e aos valores do ideal político republicano. Essa ideia se faz presente desde a manchete do pequeno e sóbrio jornal de quatro páginas. De um lado e de outro do título, escritos em letras maiúsculas, aparecem as palavras “ciência” e “solidariedade”. Sem ciência, o Homem escrito com “H” em caixa alta não pode atuar no progresso da sociedade; sem solidariedade, não é possível nenhuma fraternidade, nenhum avanço social, nenhuma República. A adoção da língua francesa pelo jornal foi fundamental, porque ela lembrava a importância do episódio revolucionário na França, referência incontornável para os povos europeus em busca de liberdade e independência. Além disso, *L'Homme* publicava com bastante regularidade artigos de Robespierre e de Mirabeau, comentados em detalhes pelo republicano socialista Louis Blanc. O francês Félix Pyat, personalidade incontornável do Comitê da Comuna Revolucionária,<sup>14</sup> afirmou em um discurso do dia 24 de fevereiro de 1855 que “toda a Europa despertou com o grito de liberdade dado pela França e respondeu como um eco vivo ao golpe de fevereiro” e foi ainda mais longe com essa outra fórmula: “um motim em Paris tem mais efeito do que uma revolução em Madri”.<sup>15</sup> Portanto, dois elementos eram fundamentais para o

<sup>13</sup> RIBEYROLLES, Charles. Solidarité. *L'Homme*: journal de la démocratie universelle. Saint-Héliér: Imprimerie Universelle, 30 nov. 1853.

<sup>14</sup> Este órgão republicano, baseado em Londres, representa uma fusão das noções de Comitê de Saúde Pública e de Comuna Revolucionária, presentes ao longo da Revolução Francesa. Organização mais extrema e mais virulenta de partidários da República, ela agrupava os partidários mais ferozes da instalação de um regime republicano favorável ao mundo operário. Sylvie Aprile observa que, de fato, eles constituíram “O apêndice de 93”: eles foram um dos movimentos constitutivos da Primeira Internacional, organizada em Londres em 1864. Alphonse Bianchi estava muito próximo de seus ideais. Cf. APRILE, Sylvie. *Le siècle des exilés: bannis et proscrits de 1789 à la Commune*. Clamecy: CNRS Éditions, 2010. p. 313.

<sup>15</sup> Citação tirada de uma carta escrita por Félix Pyat em Londres no dia 24 de fevereiro 1855. Ela foi publicada na edição de *L'Homme* de 28 de março de 1855.

jornal: a língua francesa e o ideal republicano, quaisquer que fossem as tendências ou nacionalidades. Com a participação de diversas personalidades, francesas e europeias, o pequeno jornal ultrapassou as fronteiras da ilha normanda de Jersey e pôde se espalhar pela Europa, por outros continentes e até mesmo pela França, apesar da censura proibir a sua distribuição. A difusão foi feita, principalmente, por duas figuras importantes, embora menos conhecidas: o polonês Zeno Swietoslowski e o francês de origem italiana Alphonse Bianchi.

#### O VAIVÉM DE FRONTEIRAS DE UM JORNAL UNIVERSAL

##### *1) Um jornal semanal que se internacionalizou*

Por baixo deste corpo em putrefação, há o pensamento escondido dos povos oprimidos, dos povos que, em breve, dirão: justiça para todos! Em compasso de espera, na porta do cemitério, há nacionalidades diversas que apertam as mãos repetindo bem alto o pensamento em seus corações: “todos os reis são nossos inimigos, todos os povos são nossos irmãos. Os republicanos são solidários; as Repúblicas virão em breve.

Pensamento fecundo, nascido hoje na relação estreita de exílio, ele teria salvado nossa primeira Revolução se tivesse se revelado em 1792; pensamento liberador, ele será o estandarte da nossa terceira Revolução; desta vez, ele criará os Estados Unidos da Europa.<sup>16</sup>

Escrito pelo expatriado francês Alphonse Bianchi em Jersey, em 1854, o artigo do qual foi retirado o texto acima, publicado em *L'Homme*, traduz as aspirações universalistas dos refugiados republicanos vindos da França e da Europa, que colaboraram na redação deste jornal de exílio. Lembremos, contudo, que ele era impresso em terra estrangeira e devia sua existência material a um único homem: Zeno Swietoslowski, um polonês instalado em Jersey havia décadas. Apesar do entusiasmo do jornalista francês Charles Ribeyrolles, foi

<sup>16</sup> BIANCHI, Alphonse. Mort et funérailles du citoyen Georges Gaffney, proscrit français. *L'Homme*, Saint-Héliier: Imprimerie Universelle, 14 mar. 1854. Criado em Saint-Héliier, o jornal só pode ser publicado graças à criação da gráfica Imprimerie Universelle.

na gráfica fundada por Swietoslowski, militante socialista nativo de Varsóvia, que *L'Homme* pôde surgir. Nascido em 1811, na Polônia, nação suprimida dos mapas e dividida entre a Prússia, Áustria e Rússia, Zeno Swietoslowski era de uma família da nobreza polonesa: seu pai, Rafal Swietoslowski, era um rico proprietário de terras, enquanto sua mãe, Eleonora Leszczynska, era herdeira de uma família importante e abastada. Suas origens aristocráticas não impediram Zeno Swietoslowski de se comover com a miséria que assolava os camponeses sob um sistema próximo ao feudal russo e profundamente desigual. Ele também era muito influenciado pelo patriotismo fervoroso de sua família, nostálgico da independência do reino da Polônia. Na época de seus estudos na Universidade de Varsóvia, integrou um grupo de opositores composto de jovens estudantes e se envolveu, com o irmão mais velho, Aleksander, em um motim organizado no dia 29 de novembro de 1830, que foi um prelúdio à insurreição de Varsóvia. A derrota desta e o fato de ele ser conhecido pelas autoridades russas por suas opiniões socialistas provocaram seu exílio, acompanhado pelo irmão e por várias centenas de companheiros de armas. Em seguida, instalou-se em Paris, onde, em 1832, integrou a Sociedade Democrática Polonesa.<sup>17</sup>

Decepcionado com a falta de ambições sociais e democráticas do grupo, ele retornou à Polônia, mas, correndo sérios riscos em sua terra natal, se viu pressionado a partir para Londres em 1834. Depois de sofrer algumas críticas desagradáveis, da parte de alguns de seus compatriotas, de experimentar a pobreza e ideias suicidas, Swietoslowski decidiu, com seu melhor amigo e companheiro de exílio, Jan Krinsky, se refugiar na ilha anglo-normanda Jersey. Muito influenciado, durante a sua estada na França, pelos preceitos da franco-maçonaria e pelas ideias socialistas de Gracchus Babeuf e de Charles Fourier, Swietoslowski tornou-se uma das personalidades mais importantes do grupo de imigrantes poloneses instalados em Saint-Hélier. Todos os exilados citados, que estavam refugiados na pequena ilha, estiveram, a propósito, na origem da criação, em 1835, do grupo

<sup>17</sup> O personagem de Swietoslowski, fundamental para a história do socialismo e do exílio político nesta Europa do século XIX, é mencionado num artigo interessantíssimo escrito por Peter Brock. Cf. BROCK, Peter. Zeno Swietoslowski, a Polish forerunner of the Narodniki. *American Slavic and East European Review*, n. 13, v. 4, p. 566-587, dez. 1954.

revolucionário batizado de Lud Polski, literalmente o “Povo Polonês”.<sup>18</sup> As atividades da organização política eram financiadas por importantes fundos enviados da Polônia pela rica família de Zeno Swietoslowski. Sua estada em Jersey lhe possibilitou também conhecer sua esposa, Julia Ward:<sup>19</sup> depois de seu casamento, Swietoslowski pôde adquirir uma propriedade na ilha, o que lhe permitiu seguir o combate político em favor da independência da Polônia e garantir a divulgação de suas ideias sociais inspiradas nos ideais da Revolução Francesa. Após um breve retorno de um ano à Polônia, depois dos movimentos revolucionários de 1848, Zeno Swietoslowski voltou a Jersey em 1849 e se tornou, desde então, um contato fundamental para os expatriados europeus que se incorporaram à ilha anglo-normanda após a derrota da “Primavera dos Povos”. Ele criou em 1852 a Imprimerie Universelle, instalada no número 19 da Dorset Street, em Saint-Hélier.

Charles Hugo descreve assim o lugar em que a maior parte dos números de *L'Homme* foi impressa:

Dorset Street é uma rua pobre e escura, perdida nas extremidades de um dos subúrbios de Saint-Hélier e que, na época da qual falamos, tinha como iluminação apenas um simples lampião a gás aceso em um dos seus cantos. Na luz tênue e fraca, podíamos distinguir, na noite de sábado, dia 14 de outubro, no meio das construções com dificuldade alinhadas ao longo da calçada, uma casa de dois andares, tendo quatro janelas na fachada, todas fechadas, e uma porta estreita e baixa cuja soleira tinha apenas uma fina proteção por cima.<sup>20</sup>

Foi com essa gráfica que Swietoslowski tornou possível que nascesse o jornal dos expatriados republicanos, *L'Homme*, bem como muitos panfletos em francês, em inglês e em polonês, que circulavam na ilha, na Inglaterra e nas colônias, bem

<sup>18</sup> *Lud Polski* tinha como característica marcante ser dividido em três grupos: o mais importante, baseado em Jersey, era denominado *Human*, enquanto que os outros dois ficavam em Londres (*Praga*) e em Portsmouth (*Grudziadz*). Criada em 1835, a organização se extinguiu em 1846 depois dos acontecimentos revolucionários de Cracóvia, e renasceu progressivamente entre 1853 e 1856, segundo o modelo político suscitado dez anos antes por Swietoslowski.

<sup>19</sup> Zeno Swietoslowski e sua esposa teriam dez filhos.

<sup>20</sup> HUGO, Charles. *Les hommes de l'exil précédé de Mes Fils*, par Victor Hugo. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, 1875. p. 244.

como na França, de maneira clandestina. Entre os panfletos, figuravam o *Les Bagnes d'Afrique*, escrito por Charles Ribeyrolles, o *Le Gouvernement du Deux Décembre pour faire suite à l'histoire des crimes du Deux Décembre*, de Victor Schoelcher, e sobretudo *Les Châtiments* de Victor Hugo. Zeno Swietoslowski também colaborava ativamente para a circulação clandestina do *L'Homme* em território francês, escondendo os números do jornal em um barco de sua propriedade, que burlava a vigilância das autoridades francesas nas costas bem vigiadas de Cotentin. Graças a ele, que estava instalado na ilha havia anos, o jornal pôde crescer em Jersey: entre os primeiros assinantes, está Philippe Asplet, um dos *centeniers* de Saint-Hélier<sup>21</sup> e um dos maiores apoios da comunidade de expatriados republicanos estabelecida em Jersey, além de ardoroso admirador de Victor Hugo. Mas Zeno Swietoslowski não se limitou a distribuir o jornal apenas na ilha, assim como os seus redatores, ansiosos por expandir o impacto de um jornal semanal tão incisivo em relação aos regimes autoritários instalados na Europa, sobretudo na França. As redes republicanas já constituídas, anteriormente, no exílio, fossem polonesas, francesas ou internacionais, contribuíram para ampliar a distribuição do jornal na Europa e no mundo.

O jornal viveu um momento de reconhecimento crescente, que se explica pela importante publicidade dada a ele pelos órgãos de imprensa britânicos, mas também, especialmente, pela atuação de escritores tão ilustres como Eugène Sue e Victor Hugo. Este e seu filho chegaram a Jersey em 5 de agosto de 1852 e foram recebidos com entusiasmo por cerca de cinquenta republicanos. Graças ao seu grande prestígio, devido ao seu sucesso literário e às suas tomadas de posição políticas, Victor Hugo publicou em *L'Homme* alguns de seus textos: além dos discursos densos, pronunciados por ocasião das comemorações ligadas à Primavera dos Povos ou dos funerais de outros exilados em Jersey, o jornal semanal republicano oferecia ao leitor trechos de obras recentes de Victor Hugo, dentre as quais a antologia de poemas chamada *Les Châtiments*, publicada em 1853. O célebre poema “Joyeuse Vie” evoca a vida miserável dos operários têxteis em Lille, que Victor Hugo descobriu em uma visita feita em fevereiro de 1851 a uma cidade industrial assolada pela miséria; o texto foi publicado integralmente na edição de quarta-feira, 21 de dezembro de 1853.

<sup>21</sup> O *centenier* é um personagem importante eleito pela população jerseniense no âmbito de uma paróquia. Ele é encarregado de garantir a segurança e de se ocupar também de questões jurídicas já que ele pode substituir um procurador durante uma investigação.

Adegas de Lille! Morrem debaixo do seu teto de pedra!  
Eu vi, vi com meus olhos que choravam por baixo da pálpebra,  
Reclamar dos antepassados arruinados,  
A moça de olhos aturdidos com os cabelos cobertos,  
E a criança fantasma no seio da mãe estátua!  
Ó Dante Alighieri!<sup>22</sup>

Victor Hugo, graças à colaboração fotográfica entre seu filho e um amigo, Auguste Vacquerie, teve sua estada em Jersey imortalizada em uma série de fotos, das quais boa parte está conservada no Musée d'Orsay. Dentre elas, a mais célebre mostra o escritor sentado em um rochedo de frente para a França. Batizado “o Rochedo dos expatriados”, o lugar está ornado com uma placa alusiva ao exílio de Victor Hugo na ilha. Foi com um tom bastante romântico que o ilustre escritor propagandeou sua estada em Saint-Hélier.

FIGURA 4 - O ROCHEDO DOS EXPATRIADOS E A PLACA ALUSIVA À PRESENÇA DE VICTOR HUGO EM SAINT-HÉLIER, COLOCADA NO TOPO DE UM BLOCO DE PEDRA, PARA IMORTALIZAR SUA ESTADA NA ILHA.



Fonte: Fotografia do autor.

<sup>22</sup> Tradução literal do poema “Caves de Lille”: “Caves de Lille! On meurt sous vos plafonds de pierre! / J’ai vu, vu de mes yeux pleurant sous ma paupière, / Râler l’aïeul flétri, / La fille aux yeux hagards de ses cheveux vêtue, / Et l’enfant spectre au sein de la mère statue! / Ô Dante Alighieri!”. (Nota da tradutora.)

Símbolo da solidariedade republicana que além das fronteiras, *L'Homme* não se contentou em transcrever os artigos escritos pelos refugiados em Jersey. Também publicou textos de exilados instalados em Londres, como os do italiano Mazzini e dos franceses Ledru-Rollin, Victor Schoelcher ou ainda Félix Pyat, cujos artigos agressivos e corrosivos acarretaram, involuntariamente, a extinção do jornal em 1855. Outros textos vinham de Bruxelas, de Genebra e também, de forma anônima, da França. Londres e o Reino Unido são, contudo, o segundo lugar de difusão do jornal: a capital inglesa acolheu muitos expatriados vindos de toda a Europa. Portanto, era natural e lógico que ela fosse escolhida por Zeno Swietoslowski para a instalação da Librairie Universelle no fim do mês de dezembro de 1853, conforme anunciou a edição de *L'Homme* de quarta-feira, 28 de dezembro. Os leitores do jornal puderam, a partir de então, adquirir o jornal em Londres e até se tornar assinantes. O jornal viveu certa notoriedade, perceptível especialmente na imprensa anglófona. O impacto de *L'Homme* na Grã-Bretanha pode ser medido, em realidade, pelas trocas entre certos deputados do parlamento britânico, incluindo alguns jornalistas ingleses, e expatriados republicanos como Victor Schoelcher. De 11 de janeiro até 1º de fevereiro de 1854, *L'Homme* publicou textos assinados por Schoelcher em defesa da causa republicana diante dos ataques proferidos contra a República pelo redator-chefe do *Morning Advertiser*, críticas que também podem ser encontradas no célebre jornal *The Times*, mais favorável a Napoleão III. Com forte presença na Inglaterra, especialmente em Londres,<sup>23</sup> e distribuído nas colônias inglesas, *L'Homme* também passou a circular, em 1855, em Liverpool, na região populosa de Yorkshire, símbolo da Revolução Industrial e de seu impacto no mundo operário.

Além disso, a partir de 22 de fevereiro de 1854, *L'Homme* se tornou disponível na Suíça, onde residiam em torno de cem refugiados franceses: Genebra acolheu, a bem da verdade, o mais importante contingente de expatriados republicanos provenientes da França em um país que limita a acolhida.<sup>24</sup> Apesar dessa limitação, Swietoslowski encontrou um fiel correspondente na pessoa de um livreiro

<sup>23</sup> Como mostra a edição de 29 ago. 1855, *L'Homme* é bastante presente no bairro do Soho que concentra boa parte dos exilados europeus. Ele é distribuído, sobretudo, numa livraria polonesa e, mais insólito, numa farmácia francesa instalada naquele bairro.

<sup>24</sup> APRILE, Sylvie. *Le siècle des exilés*. Clamecy: CNRS Éditions, 2010. p. 120-121.

de origem suíça, da região do Cantão de Vaud, Philippe Corsat, instalado em Genebra havia vinte anos. Ele foi, assim, o primeiro a distribuir *L'Homme* na Suíça. Republicano convicto, Corsat transformou sua barbearia no bairro Saint-Gervais, em Genebra, em uma livraria com obras de inspiração fourierista. E costumava fazer encomendas de grandes quantidades do jornal republicano. Criar sucursais e/ou deixar muitos exemplares nas livrarias parceiras era o único meio de divulgar o jornal em outros países, o que eximia os leitores do pagamento de uma assinatura muito alta, por conta das taxas de expedição. No entanto, a entrega do material podia enfrentar enormes dificuldades: por exemplo, em fevereiro de 1855, um pacote contendo jornais enviados pela Imprimerie Universelle foi parar na França, mais especificamente nas mãos da polícia francesa, depois de um engano do correio. Corsat propôs aos responsáveis pelo jornal e pela Imprimerie Universelle imprimi-lo diretamente na Suíça, mas o projeto acabou sendo abortado por falta de garantias financeiras suficientes.<sup>25</sup> Philippe Corsat tornou-se um dos maiores pontos de venda do desterro republicano na Europa: a exemplo de Jersey, a Suíça – e mais especificamente Genebra – tornou-se um lugar estratégico para a difusão do jornal, sendo que a cidade suíça situava-se a mais ou menos trinta quilômetros da fronteira francesa, o que facilitava também o contrabando literário, em um território fronteiro e montanhoso.

Depois da Suíça, o jornal foi distribuído na Bélgica, em Bruxelas, outro importante lugar de exílio dos republicanos franceses: a partir de 17 de maio de 1854, os leitores puderam comprar *L'Homme* com um certo M. Lecomte. Contudo, um comércio deste tipo não era algo simples na Bélgica, país limítrofe com a França e que não foi muito receptivo aos republicanos franceses. O jornal *L'Homme* de 19 de abril de 1854 especifica, de fato, na primeira página, que “a Bélgica, contrariamente às suas leis, recusa a entrada de pacotes contendo exemplares de nosso jornal, sob pretexto de não estarem selados, apesar da lei que dá aos folhetins publicados em francês em Jersey os privilégios dados aos jornais ingleses selados.” A Bélgica, desde a sua independência em 1830, se beneficiava de leis liberais em relação à imprensa. Apesar disso, a pressão exercida pelo

<sup>25</sup> VUILLEUMIER, Marc. La propagande républicaine à Genève. *Cinq siècles d'imprimerie genevoise*. Genebra: Sociedade de História e de Arqueologia, 1978. p. 286-288. Atas do colóquio internacional sobre a história da impressão e do livro em Genebra.

governo imperial, depois do golpe de Estado de dezembro de 1851 e da publicação de *Napoleon le Petit*, de Victor Hugo, obrigou a Bélgica a adotar a Lei Faider de 20 de dezembro de 1852, lei que proibia insultos a soberanos estrangeiros e que explica a política mais firme adotada em relação ao jornal republicano. Fiel à tradição de abrigar uma imprensa livre, a Bélgica terminou, entretanto, por se tornar um dos difusores do jornal, primeiro em Bruxelas, depois em todo o reino. Todavia, o preço era ali um pouco mais elevado do que no Reino Unido: uma assinatura de três meses custava em Bruxelas três francos e cinquenta cêntimos, enquanto na Inglaterra e nas colônias custava dois francos e cinquenta.

A presença de livrarias que distribuía *L'Homme* nas cidades francófonas de Genebra e Bruxelas, próximas à França, acabou gerando um problema real para o poder bonapartista, que foi obrigado a reforçar a vigilância nas duas zonas, que tinham fronteiras especialmente porosas. Por trem, por meio de intermediários e de pessoas confiáveis que faziam o vaivém, os jornais e outros escritos rebeldes podiam, então, se espalhar com facilidade de um lado e do outro da fronteira. Foi assim que, a partir de 27 de setembro de 1854, *L'Homme* passou a estar disponível em todas as livrarias da Bélgica. E a difusão do jornal dos expatriados não foi interrompida nas duas cidades e nos dois países. O livreiro Casimir Monnier, em Madri desde os anos 1830, pôde também dispor de exemplares para venda em maio de 1854, graças à orientação liberal do regime monárquico espanhol.<sup>26</sup> Além disso, ele podia ser encontrado em Neuchâtel, na Suíça, e também no continente americano, onde muitos exilados franceses tinham se instalado: a partir de 1855, *L'Homme* se tornou disponível em Nova Orleans, em Nova York e no México. No coração dessas cidades anglófonas do outro lado do Atlântico, o jornal francófono e republicano passou a ser um ponto de referência para muitos exilados franceses que passavam por dificuldades em sua adaptação à língua inglesa. No que diz respeito ao México, cidade hispanófona em pleno desenvolvimento, o papel desempenhado por Isidore Devaux, gerente de uma livraria e de um gabinete de leitura que distribuía o jornal, foi muito importante na difusão da cultura e das ideias republicanas francesas em um país em processo de constituição desde a sua independência, em 1821. Ao abrir seu gabinete de leitura para que os

<sup>26</sup> As duas grandes figuras de tal “liberalização” da vida política espanhola são Leopoldo O’Donnell, que virou ministro da guerra, e sobretudo o general Baldomero Espartero, que assumiu a Presidência do Conselho em 1854.

mais pobres pudessem usufruí-lo gratuitamente em horários determinados aos domingos e feriados, Devaux assumiu ali os preceitos republicanos.<sup>27</sup> A ida de muitos republicanos para o continente americano facilitou não só a difusão do jornal, como também de suas ideias políticas.

## 2) *Difusão clandestina e organizada na França*

Como não temos a palavra, vamos arrancá-la dos troncos que o ano de 1848 quase derrubou e que amanhã não passarão de poeira e cinza. Mãos à obra, cidadãos! E que nossas vozes sejam clarões, pois o inimigo está diante de nós: o velho mundo ainda de pé com suas forcas e torturas. Viva a República Universal!<sup>28</sup>

Entre os troncos que deviam ser derrubados figurava, para os republicanos perseguidos e exilados em Jersey, o de Napoleão III. Dentre aqueles que ansiavam por derrubar o Segundo Império, resultante do golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, estava Alphonse Bianchi, já mencionado aqui. O político de Lille, próximo de Alexandre Ledru-Rollin e de Charles Delescluze, era um grande defensor da República, regime que via como adequado aos desfavorecidos, especialmente aos operários: suas tomadas de posição explicam, aliás, o termo “socialismo departamental” que alguns associam a ele.<sup>29</sup> De fato, Bianchi tinha condições de avaliar a precariedade, até mesmo a miséria dos operários que trabalhavam no setor têxtil em Lille, cidade que foi tomada por uma industrialização galopante e suas consequências. Alphonse Bianchi, redator de muitos artigos do *L'Homme*, usava sua caneta para evocar e defender seu combate político e social.

<sup>27</sup> A livraria de Isidore Devaux ficava perto da Plaza Mayor. Cf. TORRE, Laura Suarez de la. *La ville de Mexico: un espace culturel (1821-1855)*. *Romantisme*, Paris: Armand Colin, n.143, p. 149-163, 2009.

<sup>28</sup> Trecho do discurso pronunciado por Zeno Swietoslowski por ocasião da comemoração do aniversário da Revolução de 1848, discurso reproduzido no número 14 do jornal *L'Homme* (Saint-Héliér: Imprimerie Universelle, 1º mar. 1854).

<sup>29</sup> COEURDEROY, Ernest. *La Barrière du Combat qui vient de se livrer entre les citoyens Mazzini, Ledru-Rollin, Etienne Cabet, Pierre Leroux, Martin Nadaud, Mallarmet, A. Bianchi (de Lille) et autres hercules du Nord, par Ernest Coeurderoy et Oct. Vauthier*. Bruxelas: Imprimerie de A. Labroue, 1852. in-12, 28 p.

FIGURAS 5 e 6 - GRAVURA DE BOLDOLUC, REPRESENTANDO ALPHONSE BIANCHI, REPUBLICANO DE LILLE, DE ORIGEM ITALIANA. TRECHO PRESENTE NO JORNAL *L'HOMME* ELOGIANDO AS COMPETÊNCIAS DE ALPHONSE BIANCHI, ENTÃO EXILADO EM JERSEY E RECOMENDADO PELO CENTENIER PHILIPPE ASPLET.



**A. BIANCHI**, proserit politique français, rédacteur en chef pendant huit ans du journal quotidien le *Messageur du Nord*, paraissant à Lille (France), donne à domicile des leçons de langue française, d'arithmétique, d'histoire, de géographie, de littérature, etc. Il se charge également de toutes correspondances, écritures commerciales et autres, et des mémoires dont on lui confie la rédaction. S'adresser au professeur, 20, Don-street, St.-Hélier (Ile de Jersey). Références chez MM. Wellman, P. Asplet, Geo. Wicks.

Fonte: Biblioteca Nacional de Lille, Fundo patrimonial Humbert (Figura 5).

Alphonse Alexandre Bianchi foi um dos redatores do jornal *L'Homme* e um dos expatriados mais respeitados de sua época. Seu percurso foi, de fato, muito interessante. Franco-maçom, antigo criador e redator-chefe do jornal *Le Messageur du Nord*, em Lille, ele era filho único de um imigrante italiano, Alexandre Bianchi, originário da região de Lucca; instalado em Lille desde 1813, este tornara-se artista, trabalhando com gesso em uma cidade em plena transformação econômica, símbolo das conquistas e dos acasos da Revolução Industrial. Sensibilizado pela filosofia do Iluminismo, pelo pai artesão de origem italiana, sensível às condições de vida precárias dos operários têxteis de Lille, Alphonse Bianchi tornou-se rapidamente um militante republicano ativo, conhecido e vigiado pela polícia da Monarquia de Julho. Desfrutando das conquistas econômicas de seu pai, o antigo estudante de direito, preso por ter ligações com uma sociedade secreta, foi um militante político, o que o levou a criar em Lille diversos

jornais, dentre os quais *Le Messager du Nord* em 1846: com periodicidade de publicação quase diária (seis dias por semana), publicado em Lille e em algumas cidades do Norte, ele se tornou uma verdadeira tribuna da oposição republicana e social à Monarquia de Julho.

Filho de imigrante italiano, nascido em Lille em 1816 e naturalizado francês em 1848, sem dúvida era ele quem mais ansiava pela criação dos “Estados Unidos da Europa”,<sup>30</sup> segundo a expressão surgida em um discurso de Victor Hugo de 1849. Retomada por Bianchi em inúmeros textos, a expressão traduz o universalismo de um pensamento político em geral qualificado como utópico, que lutava contra qualquer forma de autoritarismo. Figura importante do movimento republicano em Lille, Bianchi simbolizou, além de tudo, a organização das redes republicanas que esteve na origem da difusão clandestina de panfletos antibonapartistas e, especialmente, de *L'Homme*, proibido na França desde a aprovação da circular de 26 de novembro de 1854. A despeito dos expedientes criados pelo Ministério do Interior e pelo Ministério da Polícia, controlado por Charlemagne de Maupas, tais brochuras circularam bastante, principalmente pelo mundo operário, nas metrópoles industriais do Norte, dentre as quais Lille.

Jornalista, político muito admirado nos meios populares de Lille e considerado durante muito tempo um “imigrante ilegal”, por conta de sua origem, que remontava para além dos Alpes, Alphonse Bianchi só conseguiu a nacionalidade francesa em março de 1848, com o advento da Segunda República. O reconhecimento, contudo, teve breve duração. Três anos depois, com o golpe de estado perpetrado por Luis Napoleão Bonaparte no dia 2 de dezembro de 1851, ele foi pressionado a partir para a Bélgica, depois detido e expulso para a Inglaterra. De lá ele se mudou, como muitos de seus companheiros de exílio, para a Jersey, juntando-se a Victor Hugo e outros expatriados franceses e europeus, vindos se refugiar naquela “terra de beleza, alegria e independência”.<sup>31</sup> Verdadeiro orador, engajado e com uma escrita refinada, Alphonse Bianchi atuou em *L'Homme* desde a criação do jornal, em 1853. De fato, ele já com-

<sup>30</sup> A fórmula “Estados Unidos da Europa” foi criada por Victor Hugo no Congresso da Paz organizado em Paris no dia 21 de agosto de 1849. Ela foi, em seguida, usada pelo próprio Bianchi e por Luigi Pianciani.

<sup>31</sup> HUGO, Victor. *Actes et paroles: pendant l'exil (1852-1870)*. Paris: Librairie du Victor Hugo illustré, 1963. p. 560.

parece no segundo número, de novembro de 1853, com o discurso que havia proferido na comemoração da Revolução Polonesa de novembro de 1830. Além disso, aparece também ao fim do jornal, nos pequenos anúncios que elogiavam as habilidades dos expatriados, a fim de lhes propiciar meios de sobrevivência na ilha e de facilitar a integração deles: Bianchi dava cursos de diferentes disciplinas – francês, aritmética, história –, além de fazer moldes com diferentes materiais. O jornal, transfronteiriço e francófono, foi muito importante para Bianchi por mais de um motivo, uma vez que reunia as vozes de simpatizantes republicanos expatriados em torno da luta contra os regimes autoritários então instalados na Europa e reforçava as redes de solidariedade e fraternidade. Fiel a suas ideias, Bianchi apareceu no jornal legitimamente ao lado de Victor Hugo, do italiano Luigi Pianciani e do húngaro Sandor Teleki, que lhe eram próximos. Sendo ao mesmo tempo francês e de origem italiana, jornalista e defensor dos ideais republicanos, Bianchi trouxe uma contribuição muito interessante para o jornal furtivo, mas já europeu, ao insistir na dimensão social de seu combate pela República. Ele participou da criação do *Almanach de l'Exil pour 1855. L'Homme* fez uma boa propaganda da obra coletiva, que contava com Victor Hugo e Louis Blanc. Na publicação há um artigo de Bianchi intitulado “O operário manufatureiro na sociedade religiosa e conservadora”, em que ele ataca os padres e grandes proprietários.

A participação de Alphonse Bianchi na redação do almanaque demonstra a importância, para os republicanos, de suas tomadas de posição em defesa de uma organização social mais efetiva. Personagem ainda pouco conhecida – atualmente objeto de uma tese –, ele merece atenção especial, pois simboliza também o caráter transfronteiriço do combate político em prol de um ideal político, de uma República que ele próprio definiu como “universal, democrática e social”.<sup>32</sup> O espetáculo da miséria em Lille sempre motivou seus escritos e discursos, e ele exprime, de fato, a voz da cidade industrial, marcada pela proximidade da fronteira franco-belga e, conseqüentemente, pelas redes de contrabando político e literário.

Os jornais republicanos proibidos – dentre os quais figurava *L'Homme* – e muitos textos considerados rebeldes pelo poder bonapartista tiravam partido

<sup>32</sup> L'HOMME. Saint-Hélier: Imprimerie Universelle, 7 dez. 1853. A expressão foi usada por Alphonse Bianchi no discurso de encerramento da comemoração da Revolução da Polônia, em 29 de novembro de 1853.

das redes clandestinas para circular no país, depois de ele ter sido silenciado pela lei de 26 de novembro de 1854. O próprio Alphonse Bianchi tirou partido da existência dessas redes, sendo conhecido em Lille por suas tomadas de posição políticas em favor dos desfavorecidos e, por isso, sendo ajudado por gente de diferentes profissões. Graças às suas múltiplas relações e à impecável organização das redes republicanas e operárias, ele conseguiu fugir de Lille no dia 4 de dezembro de 1851, dia seguinte ao golpe de Estado de Luis Napoleão Bonaparte: ele cruzou a fronteira e alcançou a cidade belga de Mouscron. Em seguida, obteve a ajuda do dono de um cabaré, um tal de Piscard, situado próximo ao posto de fronteira de Montaleux: os cabarés e outros estabelecimentos, presentes na fronteira e nas cidades do Norte, eram, na época, lugares de convívio social, mas também pontos de encontro de reuniões políticas dos militantes republicanos e, enfim, lugares de contrabando. Além disso, o posto na fronteira de Montaleux, situado entre Roubaix e a cidade belga de Mouscron, era um ponto estratégico para o contrabando político e literário, que se desenvolveu consideravelmente na esteira do Segundo Império: Roubaix era, de fato, uma cidade operária, em plena explosão industrial, e os trabalhadores têxteis eram sensíveis às tomadas de posição de Bianchi. Contudo, já no dia seguinte ao golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, a polícia política realizava um controle intenso no posto de fronteira que ficava ali, como mostra a correspondência trocada entre o prefeito de Roubaix e o secretário da região do Norte,<sup>33</sup> bem como o envolvimento da esposa de Alphonse Bianchi, Jenny, nas redes de contrabando literário.

<sup>33</sup> Os Arquivos Departamentais do Norte, em Lille, possuem muitos documentos sobre o assunto, especialmente as séries M140/13 (*Surveillance de la frontière belge – Ledru-Rollin, Louis Blanc, Bianchi, Delescluze, Caussidière etc. – dez. 1851-jan. 1852*), e M171 (*Police de la sûreté – Police internationale. 2 – Belgique: correspondances et renseignements. 1851-1855*).

FIGURA 7 - CARTÃO-POSTAL MOSTRANDO UM CONTROLE ADUANEIRO NO POSTO DA FRONTEIRA DE MONTALEUX, LITERALMENTE “O MONTE DOS LOBOS”.



Fonte: Arquivo particular do autor.

Filha do porteiro da prisão de Lille, Jenny se casou com Alphonse Bianchi em 1839. Ela foi mãe de sete filhos, nascidos durante o exílio forçado do marido, período em que administrou a empresa de gesso dele, aproveitando-se ainda do negócio para encobrir outra atividade, a circulação de jornais e de outras obras proibidas pelo poder bonapartista. Foi como chefe da empresa que ela pôde mostrar, de fato, sua adesão aos ideais republicanos, possibilitando a passagem dos livros proibidos na França, apesar dos riscos: ela os escondia maliciosamente em sacos de gesso. Primeiro, os sacos eram enviados para Bruxelas; depois, esvaziados de seu conteúdo, eles poderiam esconder grande quantidade das publicações consideradas rebeldes. Elas chegavam às fronteiras, em seguida, para serem transportadas por pessoas que faziam a passagem.<sup>34</sup> Denunciada por um delator a quem havia confiado uma boa quantidade de obras, dentre as quais o famoso livro *Napoléon le Petit*, de Victor Hugo, Jenny Bianchi foi detida no dia 28 de janeiro de 1853 em flagrante, enquanto realizava o transporte de textos proibidos, com a intenção de distribuí-los. Sua detenção acabou com uma pena de prisão, o

<sup>34</sup> Na época, o tijolo era considerado um material pobre. Os ricos proprietários de Lille como de Bruxelas cobriam então suas casas e imóveis particulares com gesso para lhes dar a aparência de construções de pedra. Os artesãos italianos originários de Lucca eram especialistas em gesso, derivado da gipsita: o pai de Alphonse Bianchi, originário de Lucca, tinha feito sua fortuna com o comércio do material.

pagamento de uma multa e um processo, o que causou alvoroço em Lille e seus arredores, mas não só isso. Em Jersey, Alphonse Bianchi soube da prisão de sua esposa e contou para Victor Hugo que, de sua casa em Marine Terrace, endereçou a Jenny Bianchi uma bela carta de agradecimento, da qual segue um trecho:

Nunca, depois do assassinato por emboscada da liberdade e da República, nunca nada me emocionou como agora acaba de me comover esta covarde violência contra uma mulher, contra uma mãe, contra a digna companheira de um homem de coração e de um expatriado. Esperando que o porvir lhe traga alguma reparação, permita-me, Senhora, que dê um passo na sua direção e coloque a seus pés todo o meu respeito.

Victor Hugo

Apesar da censura, da vigilância sobre as correspondências endereçadas aos Bianchis e do controle policial ao redor da família, esta carta conseguiu chegar ao destino e se revela como um testemunho da existência das redes clandestinas republicanas eficazes e fiéis a Alphonse Bianchi e aos seus companheiros de exílio. Ademais, faziam parte das redes citadas alguns funcionários aduaneiros e agentes do correio, o que facilitava um pouco a circulação de tais publicações sob o nariz e as barbas das autoridades da região: uma carta do secretário do Norte, datada de dezembro de 1851, dá prova da atuação de antigos agentes de polícia na esfera de influência republicana. Depois da ida definitiva da família Bianchi para Jersey, as redes de resistência republicana na fronteira franco-belga permaneceram muito ativas, fazendo circular o jornal e outros textos proibidos apesar da atenção da polícia naquela fronteira. Algumas cartas do secretário da região Norte acerca do controle exercido na vila de Risquons-Tout, no Mont-à-Leux ou em Pérenchies, testemunham a extensão do intenso controle que havia ali e do contrabando literário na fronteira franco-belga: em Pérenchies, uma fábrica de sabonetes era suspeita de ajudar no trânsito de textos censurados.

Não se deve deixar de lado o fato de que *L'Homme* estava realmente disponível em todas as livrarias belgas e que era naquele momento bem fácil fazê-lo entrar na França graças à rede ferroviária que fazia a ligação entre Bruxelas, Antuérpia e as cidades situadas na fronteira, como Mouscron. Além disso, os operários pobres do bairro Saint-Sauveur, em Lille, não tinham esquecido

Alphonse Bianchi, apelidado por eles de “Nou Père”, o que no dialeto local significa “nosso pai”. Pierre Pierrard, em sua obra *Lille et les lillois*, publicada em 1967, escreve o seguinte:

Passávamos por baixo do casaco o panfleto escrito no exílio por Bianchi “O operário manufatureiro na sociedade religiosa ou conservadora”, forte grito apaixonado que mobilizava os ricos e os padres de Lille.<sup>35</sup>

O trecho revela a popularidade de Alphonse Bianchi em Lille, apesar da distância que lhe fora imposta. É também prova da existência de um contrabando literário bastante ativo e explica, de modo obscuro, um dos meios utilizados para a transmissão discreta dos textos rebeldes. As brochuras eram desmontadas, para que, assim, fosse mais simples dissimulá-las e passá-las adiante. Com o *Almanach de l'exil*, ocorria algo semelhante: o texto de Bianchi era separado dos outros, para facilitar a difusão. Pequenas obras conservadas na Biblioteca de Valenciennes mostram que uma das formas de dissimular os livros era inserir neles textos curtos, às vezes adornados de artigos de jornais favoráveis à causa republicana. Os livros inseridos eram de um formato extremamente reduzido: mais ou menos onze centímetros de altura por sete de largura, o que era minúsculo.

<sup>35</sup> PIERRARD, Pierre. *Lille et les lillois*. Paris: Bloud et Gay, 1967. p. 167.

FIGURA 8 - TRATA-SE DE UM LIVRO DE PEQUENO FORMATO, QUE GUARDA A CARTA ESCRITA POR VÍCTOR HUGO AO LORDE PALMERSTON PUBLICADA EM *L'HOMME*, EDIÇÃO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1854.



Fonte: Fundo Alfred Girard da Biblioteca Municipal de Valenciennes.  
Fotografias do autor.

Com este formato, os textos poderiam se dissimular facilmente nos bolsos, sapatos e até nos corpetes e cintas-ligas das mulheres!<sup>36</sup> Enfim, um último método hábil usado para camuflar as minúsculas obras: dar-lhes a aparência de cadernetas. Assim, as primeiras páginas não têm textos e são da cor do papel tradicional. No meio da brochura, aparece o texto proibido em geral impresso num papel de cor azul.

<sup>36</sup> SINSOILLIEZ, Robert; SINSOILLIEZ, Marie-Louise. *Victor Hugo et les proscrits de Jersey*. Louviers: Éditions l'Ancre de Marine, 2008. p. 142. No livro citado, os autores explicam como os exilados de Jersey conseguiam enviar para a França algumas obras, como *Les châtiments*, de Victor Hugo. A senhora Moricière escondia o texto em sua cinta-liga, para evitar que os funcionários da alfândega que ficavam na fronteira franco-belga os encontrassem. Como eles não ousavam revistar a senhora no estratégico lugar, a obra podia entrar na França.

FIGURA 9 - O LIVRO CONTENDO A CARTA ESCRITA POR VÍCTOR HUGO PARA LORDE PALMERSTON APRESENTA-SE COMO UMA PEQUENA CADERNETA: AS PRIMEIRAS PÁGINAS, EM PAPEL TRADICIONAL, NÃO TÊM TEXTOS E ESCONDEM O ESCRITO “PROIBIDO” IMPRESSO EM PAPEL DE COR AZUL.



Fonte: Fundo Girard da Biblioteca Municipal Valenciennes. Fotografia do autor.

Os expatriados necessitavam de muita imaginação para fazer a informação e a crítica passar, custasse o que custasse, pela fronteira. *L'Homme* se adaptou a todas as realidades e se infiltrou inteiramente na França: correspondentes republicanos que habitavam o hexágono faziam chegar seus textos (apócrifos) criticando o poder bonapartista até o local onde ficava a Imprimerie Universelle, em Saint-Héliér. Contudo, o jornal, recebido com indiferença pela população de Jersey, enfrentava cada vez mais ataques, até que um deles, ocorrido em outubro de 1855, acabou por ser-lhe fatal.

*L'HOMME*, UM JORNAL EM SUSPENSO: DO “GOLPE DE ESTADO” DE OUTUBRO DE 1855 AO DESAPARECIMENTO DO JORNAL

A difusão do jornal dos exilados foi fortemente abalada com o “golpe de Estado de Jersey”, em outubro de 1855. Tal acontecimento, brutal para os expatriados republicanos, foi, à primeira vista, expressão natural da cólera da população de Jersey diante de uma publicação julgada desrespeitosa aos olhos da rainha Victoria (que foi o tema de uma carta publicada na edição de *L'Homme* de 10 de outubro de 1855). Mas é um fato que ressalta, sobretudo, a mudança de opinião das autoridades locais e do governo inglês diante dos refugiados políticos, que se tornavam incômodos não somente para a economia na ilha, mas também para as políticas tomadas em comum acordo pela Grã-Bretanha e pela França.

Em 1853 explodiu a Guerra da Crimeia, que opôs o exército otomano, apoiado pelos ingleses e franceses, ao império russo: o czar Nicolas I tinha intenções expansionistas relativas à região estratégica representada pela Crimeia, às margens do mar negro, na interseção de importantes vias comerciais. O resultado foi que a guerra aproximou a França e a Grã-Bretanha, e esta nação acabou se esquecendo um pouco das críticas emitidas em 1851, quando da tomada de poder súbita e brutal de Napoleão III. Diante da aproximação dos dois países, os exilados de Londres e Jersey que colaboravam com o jornal *L'Homme* criticaram de modo formal a entrada de ambas as nações no conflito, e as críticas começaram a irritar o poder britânico. Um artigo escrito por Charles Ribeyrolles, intitulado “Uma nova ameaça”, analisava o problema que representava o jornal para o governo inglês. Ali ele citava, sobretudo, as palavras de Robert Peel, político britânico e futuro secretário de Relações Exteriores:

Todo mundo deve ter visto com maus olhos que há refugiados dentro dos limites hospitaleiros deste país que aproveitam quase todas as ocasiões públicas para atacar as autoridades que o povo e o governo inglês aceitaram como aliados [...]

Victor Hugo também se destacou numa mesma ocasião, em Jersey. Este indivíduo tem uma espécie de querela pessoal com o personagem distinto que o povo francês escolheu por soberano e ele disse ao povo de

Jersey que nossa aliança com o imperador dos franceses era uma degradação moral para a Inglaterra. O que o senhor Victor Hugo tem a ver com tudo isso?<sup>37</sup>

As palavras usadas por Robert Peel para qualificar os expatriados – considerados como “estrangeiros”, que deviam ser vistos “com maus olhos” – e as que descrevem Napoleão III – qualificado como “personagem distinto” – mostram bem a mudança de opinião do governo inglês em relação aos expatriados, em geral, e aos de Jersey, especificamente. A população de Jersey era antes de tudo uma população de marinheiros e pescadores, e a situação da ilha, transformada em um refúgio e ocupada por expatriados europeus, especialmente franceses, deixou sua economia fragilizada. As inspeções feitas pela alfândega francesa em todos os barcos vindos da ilha, com a intenção de bloquear a difusão de *L'Homme* e de outros panfletos antibonapartistas, realmente os impedia de trabalhar em boas condições. A maior parte da população de Jersey começou a ver os exilados com desconfiança, o que as autoridades francesas presentes na ilha puderam observar bem: bastava um pretexto qualquer para que a população ficasse mais agressiva, chegando mesmo ao ponto de exigir que eles fossem embora. E o pretexto chegou no dia 10 de outubro de 1855 por ocasião da publicação, em *L'Homme*, de uma longa carta escrita por Félix Pyat, endereçada à rainha Victoria. Bastante virulento, cheio de críticas à rainha inglesa, após a viagem desta à França em agosto de 1855,<sup>38</sup> o texto foi lido em público em Londres, em um encontro organizado no dia 22 de setembro de 1855. Contudo, lá ela foi recebida com certa indiferença; foi em Jersey que levantou protestos reais e violentos, justo em Jersey, onde não se fala muito bem o francês e onde certas expressões mal compreendidas provocaram a cólera da população contra os refugiados políticos.

Dois trechos da carta incomodaram especialmente os moradores de Jersey. Eles certamente compreendiam o francês, mas não entendiam todas as sutilezas da linguagem produzidas no idioma como, por exemplo, os segundos níveis de compreensão. Aqui estão os trechos, um depois do outro, isto é, tal como foram apresentados à população insulana:

<sup>37</sup> Trecho citado no jornal *L'Homme*, 21 dez. 1854.

<sup>38</sup> Com efeito, a rainha Victoria fez uma visita a seu aliado francês do dia 17 a 28 de agosto de 1855, no contexto do Cerco de Sebastopol, cerco aterrador no qual muitos soldados franceses e ingleses foram mortos.

A senhora foi saudada por todos os canhões de Vincennes e despertada por quinhentos tambores evocando a alvorada. Os rouxinóis dos guias e as felosas da Ópera cantaram-lhe a antífona real e o povo não cantou o Malbrough [...] *A senhora colocou Canrobert no Banho, bebeu champanhe e abraçou Jérôme*<sup>39</sup> [...] Sim, a senhora sacrificou tudo: dignidade de rainha, escrúpulos de mulher, orgulho de aristocrata, sentimentos de inglesa, a posição, a raça, o sexo, tudo até mesmo o pudor, por amor a este aliado.

A confusão estava principalmente na expressão “a senhora colocou Canrobert no banho”, traduzida tal e qual em cartazes, para a população anglófono da ilha. Félix Pyat se referia à Ordem do Banho, ordem militar inglesa que havia condecorado François de Canrobert, militar próximo de Napoleão III depois do golpe de Estado de dezembro de 1851. O fragmento citado foi traduzido de modo a dar a entender para a população de Jersey que Canrobert teria tomado banho com a rainha, e a isso foi acrescentada a expressão “a senhora sacrificou (tudo até mesmo o pudor)”, que não tinha, no entanto, nada a ver e que estava totalmente deslocada de seu contexto. *L'Homme* dedicou ao terrível escândalo a manchete de algumas das edições de 10 de outubro a 17 de novembro de 1855, mas já então os principais protagonistas do jornal não estavam mais em Jersey, e sim em Londres:

De fato, depois da publicação da carta de Félix Pyat no jornal, os muros de Saint-Hélier foram cobertos de cartazes indignados, contra o texto e contra o jornal que o divulgava: de uma grande violência verbal em francês e em inglês, os cartazes convidavam a população para um encontro organizado no sábado, dia 13 de outubro de 1855 no *Queens Assembly Rooms*. Eles apontavam também uma casa que deveria ser atacada, pois era suspeita de distribuir o jornal acusado: era a casa do cofundador de *L'Homme*, coronel Pianciani que ficava na Roseville Street. Na casa, que ainda existe, o coronel e seus amigos, dentre os quais Alphonse Bianchi, se armaram com fuzis no dia do encontro, para se defender dos insurgentes.

<sup>39</sup> Sublinhamos a expressão que causou polêmica na ocasião.

FIGURA 10. CASA DO CORONEL PIANCIANI, QUE AINDA EXISTE NA ROSEVILLE STREET, EM SAINT-HÉLIER. TRATA-SE DA CASA MENCIONADA NOS CARTAZES EM FRANCÊS DIVULGADOS EM OUTUBRO DE 1855.



Fonte: Fotografia do autor.

FIGURA 11. CARTAZ EM FRANCÊS CONTRA O JORNAL *L'HOMME*, DISTRIBUÍDO EM OUTUBRO DE 1855. SAINT-HÉLIER.



Fonte: Coleções da Sociedade de Jersey.

No dia 13 de outubro, a partir das 19h, entre 1.800 e 2.000 pessoas furiosas compareceram ao já citado encontro, apesar da chuva. Na presença do conde-stável de Saint-Hélier, Nicolas Le Quesne, ameaçaram os expatriados e, mais importante, adotaram, quase por unanimidade, uma moção que exigia a expulsão de Charles Ribeyrolles, de Luigi Pianciani e de Alexandre Thomas, fundador de *L'Homme*. Na ocasião, o jornal foi queimado como em um auto-de-fé improvisado. A multidão em cólera se encaminhou, em seguida, para a pequena casa de dois andares da Dorset Street que abrigava a gráfica do jornal. A construção estava sendo vigiada por diversos expatriados e por alguns policiais, que resistiram a uma centena de manifestantes sob uma forte chuva: os manifestantes acabaram se dispersando. O governador da ilha, general Love, a quem Le Quesne entregou a moção aprovada no encontro de 13 de outubro, decidiu na segunda-feira 15 de outubro submeter-se à decisão popular e expulsar Charles Ribeyrolles, o coronel Pianciani e o distribuidor Alexandre Thomas. Apesar de suas tentativas de explicar à população o mal entendido, publicadas nas edições de *L'Homme* a partir de 17 de outubro, a expulsão das três personagens se realizou, e eles não foram os únicos a deixar a ilha depois do incidente. Impactado por todos esses acontecimentos, Victor Hugo, que era, contudo, contrário à carta de Félix Pyat, assinou, ao lado de Jules Cahaigine, de seus filhos e de uns trinta outros exilados, dentre os quais Zeno Swietoslowski, uma declaração que se tornou célebre graças ao seguinte trecho:

Três expatriados, RIBEYROLLES, intrépido e eloquente escritor; PIANCIANI, generoso representante do povo romano; THOMAS, o corajoso prisioneiro do Mont-Saint-Michel, acabaram de ser expulsos de Jersey.

O ato é grave. O que há na superfície? O governo inglês. O que há no fundo? A polícia francesa.<sup>40</sup>

A declaração terminava com a seguinte frase: “E, agora, expulse-nos.”, marca da solidariedade entre os republicanos. Entre 31 de outubro e 2 de novembro de 1855, os signatários da declaração fizeram suas malas e partiram da ilha. Zeno

<sup>40</sup> Manchete de *L'Homme* (Saint-Hélier: Imprimerie Universelle, 24 out. 1855).

Swietoslowski, último signatário, seguiu Charles Ribeyrolles e foi para Londres, transferindo consigo a sede da Imprimerie Universelle, que imprimia o jornal. *L'Homme* continuou a ser publicado até o último número de 23 de agosto de 1856: o lugar onde era impresso se situava no bairro de Bayswater, depois no de Saint-John's Wood, na grande Londres, afastado do centro da cidade. A escolha pelo bairro deveu-se, sem dúvida, às dificuldades financeiras do jornal, que estava um pouco abalado. As quartas-capas dos últimos números mostram que Charles Ribeyrolles lutou com força pela sobrevivência do jornal, não hesitando em colocar um anúncio em que se vangloriava da difusão do jornal “nas duas Américas” e incitava empresas e comerciantes a inserir anúncios em suas páginas. Mas o fim deste jornal de exílio estava próximo. No último número, de 23 de agosto de 1856, o rancor de Charles Ribeyrolles contra o governo inglês era mais do que perceptível, conforme fica claro na exclamação: “Quanto aos ingleses que mostram sua cortesia em Paris e a sua indignação em Nápoles, eles perderam o direito de falar, estão presos à aliança do crime.”<sup>41</sup>

Afastado de alguns de seus amigos e companheiros de exílio – dentre os quais Victor Hugo, instalado em Guernesey –, abalado pelos acontecimentos de Jersey e sem um tostão, Charles Ribeyrolles se tornara o principal, quem sabe se até o último redator dos artigos publicados em *L'Homme*. O estado em que as coisas ficaram significou o fim da colaboração com muitos jornalistas e políticos europeus, que fora uma característica do jornal inicialmente. O término de *L'Homme*, no fim do mês de agosto de 1856, afetou profundamente Charles Ribeyrolles. Convidado por Victor Frond, então no Brasil, morou nesse país por dois anos e depois morreu de febre amarela. Mas seu estado de saúde já estava afetado pela tristeza, em decorrência da morte do jornal que ele tinha criado em Jersey com seus companheiros de exílio:

A morte de *L'Homme* foi um golpe para Ribeyrolles. A partir desse dia, ele vivia desorientado, se sentindo inútil, e foi parar no Brasil com seu talento, sua coragem, sua agonia [...]

<sup>41</sup> Citação tirada do artigo intitulado “Le roi de Naples” e publicado na primeira página do jornal *L'Homme*. Saint-Héliier: Imprimerie Universelle, 23 ago. 1856.

Pobre Ribeyrolles! Como a Bélgica para Gambon, o Brasil lhe ergueu um monumento. Morto de nostalgia e de febre amarela, lá ele deixou suas cinzas, que um dia a República piedosamente irá buscar. Enquanto espera, ele dorme sob o céu de fogo que teve seu último olhar, para não dizer seu último adeus. Ele levou consigo a sombra rasgada da bandeira republicana, e ficará ainda mais feliz quando sentir essa sombra através da pedra de seu túmulo.<sup>42</sup>

A história do jornal foi, assim, curta e intensa. É notável que ele tenha caído no esquecimento geral, apesar da alta qualidade de alguns textos que o compunham: *L'Homme* é, de fato, hoje em dia, um jornal desconhecido do grande público. A propósito, a República ainda não recuperou as cinzas de Charles Ribeyrolles, cujo túmulo está atualmente no cemitério do Catumbi, no Rio de Janeiro. Seu jornal, que era lido pelos expatriados republicanos disseminados pelo mundo inteiro, por alguns jersianos, pelos republicanos fervorosos que ficaram na França e pelas autoridades francesas e inglesas foi, contudo, uma referência, até mesmo uma esperança, para os tantos exilados europeus que sonhavam com a liberdade, igualdade e fraternidade, fiéis à língua francesa e ao ideal republicano. Contudo, ele foi percebido também como uma ameaça ao governo de Napoleão III, bem como pelo da Rainha Victoria, que aceleraram seu desaparecimento. A história deste jornal propicia, assim, uma reflexão sobre o peso da imprensa política na orientação dos poderes estabelecidos e sobre a influência que ela exerce sobre seus leitores, sejam eles franceses ou estrangeiros. Victor Hugo já vislumbrava tal influência quando escreveu em 1859, para a sua filha Adèle, sobre o alcance da coletânea *Les Châtiments*:

A pena contra o canhão. A pena na mão acabará com o canhão.

<sup>42</sup> HUGO, Charles. *Les hommes de l'exil précédé de Mes fils*, par Victor Hugo. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, 1875. p. 65-67.

